

forma ele tentou. O resultado, garante ele a seus leitores, foi um sucesso. Não só teve contato com Horus, mas também com seu próprio Anjo-da-Guarda, que há tantos anos em vão procurava contatar. Seu nome era Aiwass. Horus lhe informou que se iniciava uma nova era (e muitos ocultistas concordavam com a idéia — Strindberg dizia aproximadamente a mesma coisa na mesma época). Em seguida, solicitou que Crowley apanhasse a caneta para escrever. Foi aí que uma voz melodiosa viria do canto da sala lhe ditou *The Book of The Law*, garantindo-lhe que esse livro resolveria todos os problemas religiosos e seria traduzido para muitas línguas. A obra vai além de todos os textos sagrados anteriores — diz Crowley —, na medida em que prova de maneira conclusiva a existência de Deus ou, ao menos, de uma inteligência superior à do homem, com a qual o homem pode comunicar-se.

O que se poderia dizer de tudo isso? *The Book of the Law*, com sua principal afirmação, “Faz o que desejas” (tomada de empréstimo a Rabelais e William Blake), apresenta-se como tentativa de redação de um texto semibíblico como *Assim Falou Zaratustra*, e o estilo assemelha-se bastante aos poemas em prosa como pastiches bíblicos de Oscar Wilde: “Sê, pois, formoso; veste trajas finos; come boas comidas e bebe doces vinhos e vinhos espumantes! Farta-te de amor à vontade, quando, onde e com quem o desejares (...)” Isto é Crowley puro, o homem que foi encharcado de cristianismo na infância, falando e soando como seu contemporâneo Gide em *Os Alimentos Terrestres*, escrito sete anos antes. Por outro lado, é inegável que o próprio Crowley atribuía enorme importância à obra. Era seu Corão particular, sendo ele o profeta escolhido. Ele diz que todas as grandes religiões podem expressar-se numa única palavra: no budismo, Anatta; no islamismo, Alá. No crowleyismo a palavra era Telema, nome da abadia (“Faz o que desejas”) em Rabelais. E até o fim da vida, Crowley sempre começava suas cartas com as palavras “Faz o que desejas será a lei toda”. Encerrava-se a época de deuses e demônios; inaugurava-se um novo período, em que o homem devia parar de se considerar uma simples criatura e firmar-se em seus próprios pés. Isso seria humanismo, com a ressalva de que o humanismo, enquanto firma o homem sobre seus próprios pés, considera-o “humano, por demais humano”, o ser pensante. Crowley vê o homem como deus potencial, aos poucos compreendendo seus próprios poderes. Deve-se reconhecer que a idéia é profunda. Verdade é que Saint-Martin já a expressara mais de cem anos antes, e que Shaw a manifestaria de novo em *Back to Methuselah*, vinte anos depois; mas revela um Crowley bem maior do que um charlatão descerebrado. Ele havia criado uma moralidade fundamentalmente nietzscheana: “Não devemos proteger os fracos e os pervertidos dos resultados de sua própria inferioridade”; “Ter piedade de um homem é insultá-lo”. E, quanto ao pecado: “Os homens fortes e bem-sucedidos sempre se mostram por inteiro, e quando são suficientemente fortes, não há mal que

disso advenha para si ou para os outros.” O livro de Crowley nada tem de original; *Man and Superman*, de Shaw, escrito na mesma época, é obra mais importante em todos os sentidos. Mas de qualquer forma trata-se da maior realização de Crowley, e quando ele terminou de escrever, deve ter sentido que finalmente produzira sua obra-prima, um trabalho que se sobrepõe a suas peças e poemas, e que valeu a pena dedicar a vida para tornar conhecido.

Voltando a Paris, Crowley enviou a Mathers uma carta declarando que os Chefes Secretos o haviam indicado como líder da ordem. “Eu não esperava nem recebi resposta. Reagindo à altura, declarei guerra a Mathers.” Em sua autobiografia, insiste que ele mesmo não entendia *The Book of the Law*, odiava alguns trechos, e só aos poucos conseguiu reconhecer no livro alguma importância pela imensa revelação que representava.

Novamente em Boleskin, preparou uma coletânea de suas obras, em três volumes, e depois ofereceu um alto prêmio em dinheiro para o melhor ensaio sobre seus trabalhos. Era patética sua ansiedade por ser aceito como escritor de importância. Malévolas correntes mágicas vinham de Paris — Mathers estava evidentemente disposto a apanhá-lo —, matavam todos os seus cães, e faziam com que um trabalhador se transformasse em louco furioso e atacasse Rose. Crowley invocou 49 demônios, que Rose teria visto, e os enviou a Paris para atormentarem Mathers. Rose deu-lhe uma filha, a quem ele deu o nome de Nuit Ma Ahathoor Hecate Sappho Jezebel Lilith.

O acontecimento seguinte de grande relevância foi outra escalada, dessa vez numa expedição ao Kanchenjunga. A maneira mais breve de se tratar deste assunto é citar o relato de Showell Styles, em sua história do montanhismo, intitulada *On Top of the World*:

Em 1905, um pequeno grupo aceitou o desafio [de escalar o Kanchenjunga] (...). Três montanhistas suíços e um italiano — Guillardod, Reymond, Pache e De Righi —, competentes, escolheram como líder um inglês, um montanhista bastante habilidoso chamado Aleister Crowley. Este possuía, talvez, a personalidade mais extraordinária entre todos os praticantes do esporte. Ostensivamente descuidado e desumano em tudo o que fazia, intitulava-se ‘a Grande Besta do Apocalipse’ e praticava a magia negra e o satanismo. O grupo subiu pelas geleiras e alcançou uma altitude de 6.200 metros, na face localizada abaixo do pico mais alto, a oeste. Nesse ponto, no Acampamento VII, o suíço solicitou uma reunião em que Crowley foi formalmente destituído da liderança por causa do tratamento sádico e cruel que impunha aos carregadores. Crowley recusou-se a aceitar a decisão. Com isso, a expedição foi desfeita, e todos, com exceção de Crowley, começaram a descida para os